Davi Lago

Elaboração de levantamento teológico e produção de texto sobre os fundamentos bíblicos sobre o cuidado da criação sob a ótica das igrejas e movimentos ligados às novas gerações evangélicas

INICIATIVA
INTER-RELIGIOSA PELAS
FLORESTAS TROPICAIS
IRI BRASIL

- Capelão da Primeira Igreja Batista de São Paulo
- Professor na Faculdade Teológica Batista de São Paulo
- Coordenador de Pesquisa no Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo Mestre em Filosofia do Direito pela PUC Minas
- Membro do Conselho Coordenador da Aliança Cristã Evangélica do Brasil
- Embaixador da Visão Mundial Brasil

Contato: davi.pereira.lago@gmail.com

Sumário

Introdução
1. Princípios, ensinos e referências bíblicas sobre o cuidado com a criação
2. Panorama histórico da mobilização ecológica evangélica
3. Recomendações e propostas de trabalho
Conclusão
Referências bibliográficas

INTRODUÇÃO

Este relatório foi solicitado e contratado pela entidade Religiões Pela Paz Brasil – Organização Não Governamental nos seguintes termos: “Elaboração de levantamento teológico e produção de texto sobre os fundamentos bíblicos sobre o cuidado da criação sob a ótica das igrejas e movimentos ligados às novas gerações evangélicas, como os *webcrentes* dentre outros, no período de 20/08/2021 a 30/09/2021, para implementação do Plano de Trabalho da Iniciativa Inter-Religiosa Pelas Florestas Tropicais no Brasil”. Assim, o objetivo do relatório é a execução deste objeto contratual. A estrutura do relatório segue o estabelecido no detalhamento do serviço: “Levantamento dos princípios, ensinos e referências bíblicas sobre o cuidado com a criação; elaboração de mensagens sobre o cuidado com a criação em geral e sobre seus componentes em particular; listagem de personagens e fatos históricos e atuais envolvidos com o cuidado da criação ligados aos referidos grupos e movimentos evangélicos e recomendações de estratégias e abordagens para gerar aproximação deles com a temática socioambiental”. Deste modo, dividiremos o relatório em três partes: (1) princípios, ensinos e referências bíblicas sobre o cuidado com a criação; (2) panorama histórico da mobilização ecológica evangélica; (3) recomendações e propostas de trabalho.

Para as finalidades deste relatório consideraremos “evangélico” o espectro religioso de igrejas, movimentos e denominações com maiores ou menores aproximações com a Reforma protestante europeia no século 16 e o movimento pentecostal estadunidense do século 20. Contudo, para não diluirmos demais o conceito, utilizaremos as quatro marcas distintivas do movimento evangélico conforme propostas pelo professor David Bebbington: *conversionismo* (a crença de que a vida do indivíduo deve ser mudada); ativismo (a expressão do evangelho em esforço); *biblicismo* (uma particular reverência pela Bíblia); e o *crucicentrismo* (a centralidade teológica do sacrifício de Cristo na cruz) [1]. De acordo com Bebbington estas quatro prioridades estão na base do movimento evangélico moderno, que atravessa diferentes denominações. Essas balizas são válidas para delimitarmos a mobilização de grupos específicos inseridos na tradição cristã mais ampla, que se relacionam de algum modo com os evangélicos brasileiros contemporâneos.

1. PRINCÍPIOS, ENSINOS E REFERÊNCIAS BÍBLICAS SOBRE O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

Há um crescente interesse nos estudos na interface Bíblia e ecologia, entre os quais destacamos os estudos sobre a ecologia na Bíblia [2], a ecologia no Novo Testamento [3], as implicações da doutrina da criação (ecologia bíblica de Gênesis) [4], a ecoteologia [5], a copoética bíblica [6] e os estudos de escatologia e ecologia [7]. De fato, a Bíblia é o livro decisivo na tradição evangélica e na civilização como um todo. Independentemente de ser considerada livro sagrado ou livro clássico, John K. Riches afirma que *"a Bíblia permanece como um dos livros mais influentes e amplamente lidos do mundo"* [8]. Especialmente no Brasil, a Bíblia é de longe o livro mais lido de acordo com a 5a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil divulgada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural e o IBOPE em 11 de setembro de 2020[9]. É digno de nota que as duas principais partes da Bíblia abordam a questão ambiental, ou seja, tanto a *Tanak* (Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento) quanto o Novo Testamento são conhecidos por estabelecerem princípios de ética ambiental. Vale ressaltar que a Bíblia cristã é uma pequena biblioteca composta por 66 livros, assim, o modo como a preocupação com o meio ambiente é retratada leva em conta o gênero literário e os objetivos declarados de cada um destes livros. O tratamento hermenêutico recebido pelos textos bíblicos e a compreensão de suas respectivas implicações éticas varia conforme os pressupostos epistemológicos e axiológicos da comunidade de leitores. As tradições hermenêuticas e teológicas evangélicas em torno da Bíblia foram e são construídas a partir e em diálogo com outras tradições – religiosas ou não. Entre as tradições religiosas ressaltamos o judaísmo, o catolicismo romano e a ortodoxia cristã oriental.

No judaísmo há implicações muito claras para a ética ambiental nos textos bíblicos que informam a doutrina da criação e a teologia da aliança[10]. Hava Tirosh-Samuelson afirma que o ponto de partida para o pensamento ecológico judaico é a doutrina da criação[11].

Embora o significado desta doutrina esteja aberto ao debate no curso dos séculos, é indisputável que o ponto-central esteja na transcendência de Deus, o SENHOR (*YHWH*), aquele que é Criador de todas as coisas. A implicação imediata é simples: se Deus criou o mundo, o mundo procede de uma vontade e um plano além de si mesmo, e é dependente de Deus. Conforme Tirosh-Samuelson, “o judaísmo rabínico afirma que Deus não apenas trouxe o mundo à existência, mas que a benevolência de Deus sustenta continuamente o mundo criado” [12]. A doutrina da criação facilita o interesse pelo mundo natural criado por Deus.

Em diversos textos da Bíblia hebraica verifica-se a ideia de que quanto mais se observa o mundo natural, mais se passa a admirar e louvar o Criador, porque o mundo natural manifesta a presença de ordem (cf. Sl 19.1; 147.7-9; 16-18). De acordo com o Salmo 148, toda a criação está empenhada em louvar a Deus, reconhecendo seu poder sobre ela. O povo judeu não exalta a natureza em si mesma, mas como obra que manifesta o poder do SENHOR. Os seres humanos são ordenados por Deus a cultivar a terra como uma maneira de preservar e cuidar do que pertence em última instância ao próprio Deus. Assim, é necessário destacar a antropologia judaica, isto é, a compreensão judaica de que os seres humanos ocupam um lugar especial na criação de Deus. Somente a espécie humana foi criada à "imagem de Deus" (Gn 1.26-27), embora o homem tenha sido feito a partir da terra (Gn 2.7). Deste modo, a doutrina da criação está logicamente ligada ao fundamento da ética ambiental judaica: a humanidade é responsável em cultivar e proteger a criação de Deus (Gn 1.28; 2.15). A teologia da aliança também gera uma série de consequências práticas para a compreensão judaica da ecologia. Basicamente, Deus estabelece uma aliança com o povo israelita, entregando-lhes preceitos morais, cerimoniais e civis, para que sejam "santos como o SENHOR é santo" (Lv 19.1). Assim, na concepção judaica, a corrupção das sociedades humanas está intimamente ligada à corrupção da natureza. Em ambos os casos, a injustiça se levanta a partir da ganância humana e da incapacidade humana em cumprir a ordem original de cuidar da criação. O modo como Deus orienta os israelitas cuidar de sua terra é um convite à santidade ecológica, e está carregado de cuidados ambientais específicos como, por exemplo: permitir o descanso dos animais domesticados para o trabalho (Êx 20.10; 23.12; Dt 5.12);permitir que terra descanse no período sabático (Êx 23.10-11; Lv 25.4-7) [13]; não devastar árvores frutíferas e usar com sabedoria a madeira das árvores infrutíferas (Dt 20.19-20)[14]; não permitir a extinção de espécies animais (Dt 22.6-7). O Talmude, texto central do judaísmo rabínico, estabelece preceitos ecológicos como "não causar sofrimento desnecessário aos animais' (*tza^ar baaley hayim*), a partir da leitura de Êxodo 23.5. Entre as advertências sobre os danos em desobedecer à aliança, estão as catástrofes ambientais (Dt 27.15-68). As ressonâncias e implicações ambientais da doutrina da criação e da teologia da aliança estão presentes em outras partes da Bíblia hebraica como, por exemplo, em Jó 38-41 [15], Provérbios 8.22-31 [16]; Isaías 11.6-9 e 40.1-31, Jeremias 2.7; Ezequiel 34.2-4; Oséias 4.3 e Joel 2.21-24.

"não causar sofrimento desnecessário aos animais'

A tradição cristã primitiva acolheu o núcleo da fé israelita dando-lhe uma nova amplitude e densidade a partir da figura de Jesus Cristo. Os ensinamentos de Jesus nos evangelhos pressupõem a teologia da criação da Bíblia hebraica, centrada na crença de que Deus criou todas as coisas (Mt 19.9; Mc 10.6) e, como "Senhor dos céus e da terra" (Lc 10.21; Mt 11.25), sustenta e cuida da criação. Ao ensinar sobre o amor aos inimigos, Jesus afirma a generosidade de Deus em abençoar todas as pessoas, sejam justas ou injustas, com bênçãos naturais (Mc 5.45), assim como os Salmos repetidamente afirmam a bondade de Deus (Sl 145.9), fonte do sol (Sl 19.4-6) e da chuva (Sl 65.9-11; 104.13; 147.8). Jesus também ensinou que Deus cuida das aves do céu (Mt 6.26-30; Lc 12.6-8), assim como o Antigo Testamento afirma que Deus cuida das aves e demais animais (Sl 147.9; Jó 38.41; Sl 104.27-28; 145.15-16). Jesus ensinou que os seres humanos valem mais que os animais (Mt 12.12, 6.26, 10.31; Lc 12.7,24) em concordância com o ensinamento judeu (Sl 8; Gn 2.15). O modo como Jesus extraiu lições da natureza (Mt 6.26; Lc 12.24) se assemelha ao modo dos sábios do Antigo Testamento (Pv 6.6; Jó 12.7-8; 35.4).

A partir de Cristo e do ensinamento apostólico, as igrejas cristãs desenvolveram diferentes perspectivas teológicas. Ao apresentar um panorama histórico do pensamento ecológico católico, John Hart afirma que os cristãos raramente refletiram na Terra *em si mesma* até o final do século 19 [17]. O meio ambiente foi entendido como mero palco da existência humana. Hart afirma: "periodicamente, alguns indivíduos cristãos (como Francisco de Assis) tornaram-se conhecidos por sua apreciação da natureza e por suas atitudes com outras espécies não-humanas". Segundo Hart, elementos do ensino de Agostinho e Tomás de Aquino foram particularmente influentes nas doutrinas católicas sobre a criação e o cuidado ambiental. Uma mudança de postura começa a partir de 1891 com

a publicação da primeira encíclica do Papa Leão XIII dedicada à reflexão social, a *Rerum novarum* (sobre a condição do trabalho) e culmina no contemporâneo com a encíclica *Laudato sí* [18] (sobre o cuidado da casa comum) do Papa Francisco em 2015. De fato, esta encíclica serve de guia incontornável para compreensão do pensamento ecológico católico hoje e, justamente por isso, passaremos a esboçar suas linhas gerais [19]. Na abertura do texto, o Papa Francisco reconhece o desafio da crise ecológica atual e o conecta com Romanos 8.22, onde se diz que a natureza "geme e sofre dores de parto". Destacando o trabalho dos papas anteriores Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI, Francisco convoca os católicos e todas as pessoas "de boa vontade" à uma conversão ecológica global. No capítulo 1, há uma exposição dos desafios ecológicos atuais como poluição, mudança climática, descuido da água, ambientes precários para vida humana e uma advertência contra a fraqueza das reações de reparação. No capítulo 2, há uma exposição do "evangelho da criação", onde são reafirmados os postulados centrais da doutrina da criação como a criação da natureza por Deus e a aprovação divina da obra criada (Gn 1.31), a imagem de Deus no ser humano (Gn 1.26), a natureza humana ser caracterizada desde o ventre materno (Jr 1.5), o pecado humano ter corrompido e distorcido as responsabilidades de dominar a terra (Gn 1.28), cultivar e guardar o jardim (Gn 2.15). Entre as consequências do pecado está o conflito entre ser humano e natureza (Gn 3.17-19). A despeito do pecado e prepotência humana, Deus permanece Senhor da Terra (Sl 24.1; Lv 25.23; Dt 10.14). O ser humano deve respeitar os delicados equilíbrios da natureza que foram estabelecidos por Deus (Sl 148.5b-6), o que inclui o respeito aos animais (Êx 23.12; Dt 22.4-6). O assassínio de Abel por Caim revela que o desrespeito do ser humano ao seu próximo gera consequências pessoais, coletivas e ecológicas, já que a terra passa a clamar por seu sangue (Gn 4.9-12). O juízo de Deus sobre os pecadores foi dosado pelo seu amor e misericórdia por Noé e sua família (Gn 6). Os profetas convocaram o povo a contemplar a criação e a glória de Deus (Jr 32.17-21; Is 40.28-29). Cristo ensinou que o modo de exercer domínio é através do serviço amoroso, isso vale também para o domínio sobre a criação (Mt 20.25-26). Jesus ensinou que Deus é Pai amoroso de toda criação (Lc 12.6; Mt 6.26). Jesus viveu em harmonia com a criação (Mt 10.27), sendo que ele próprio é o Criador, Senhor e finalidade da criação (Cl 1.16). No capítulo 3, são o ser humano é apontado como o causador das crises ambientais. No capítulo 4 é apresentada uma visão de ecologia integral, envolvendo cultura e justiça intergeracional. No capítulo 5 há orientações práticas como a manutenção de um diálogo internacional sobre as questões ambientais e a transparência nos processos decisórios. O capítulo 6 foca no indivíduo e na importância do desenvolvimento da espiritualidade ecológica. Na conclusão, o Papa Francisco aponta com esperança para a escatologia de Apocalipse 21.5, onde se diz que Deus fará novas todas as coisas. O cardeal Gianfranco Ravasi, autor da obra *Il grande libro del creato: Bibbia ed ecologia*, afirmou que a Laudato sí realizou uma "virada ambiental"[20] na Igreja Católica.

O desenvolvimento do pensamento ecológico evangélico será analisado com mais detalhes na sequência deste relatório. Mas podemos afirmar, em linhas gerais, que o movimento evangélico não tem grandes dificuldades em reafirmar as considerações ecológicas bíblicas conforme o judaísmo e o catolicismo. A partir do trabalho de Steven Bishop[21], organizei uma síntese da teologia ecológica evangélica adicionando referências bíblicas essenciais:

1. (a) Deus é Criador e fonte de todas as coisas (Gn 1.1; Is 45.7, 66.2; Jo 1.3; Ef 3.9; Ap 4.11)
2. (b) Deus, como Criador, é separado e distinto de sua criação (2Cr 2.6; Is 55.8-9; At 17.24; Is 40.22; 1Rs 8.27)
3. (c) Deus é Soberano sobre todas as coisas, toda criação pertence a Deus (Dt 10.14; Sl 24.1; Sl 95.4-5; Êx 9.29; 1Sm 2.8; Js 3.13; 1Cr 29.11; 1Co 10.26)
4. (d) Deus é o sustentador de todas as coisas e de toda a criação (Gn 8.22; Jr 31.35; Mt 6.26-30; 10.29)
5. (e) A natureza foi criada boa (Gn 1.4,10, 12, 18, 21, 25, 31; Sl 33.5)
6. (f) A natureza aponta para Deus e exalta a Deus (Sl 19.1; Rm 1.20-23; Jó 12.7-9; Sl
7. 89.11-12; Is 43.20)
8. (g) A humanidade está profundamente ligada à criação, pois foi criada a partir da terra
9. (Gn 2.7; Ec 12.7; 1Co 15.47; Ec 3.20; Sl 103.14; Jó 34.15)
10. (h) A humanidade é responsável em administrar a terra (Gn 1.28; 2.15; Sl 8.5-6)
11. (i) Opecadodahumanidaderesultounamaldiçãodaterra(Gn3.17-19;Rm8.19-22)
12. (j) A obra redentora de Jesus Cristo realizada na cruz alcança todas as coisas,
13. incluindo as não-humanas (Cl 1.20; Ef 1.10)
14. (k) A humanidade é redimida junto com a criação, não fora dela (2Co 4.7-12)
15. (l) A humanidade deve levar o evangelho à toda criação (Mc 16.15)

(m)A manifestação dos filhos de Deus resulta na libertação da criação (Rm 8.19-22) (n) Na consumação de todas as coisas a terra será plenamente libertada e
transformada, não destruída (Ap 21-22)
(o) Os novos céus e nova terra serão estabelecidos com harmonia ambiental (Is 11.1-
10; Ap 21-22)

2. PANORAMA HISTÓRICO DA MOBILIZAÇÃO ECOLÓGICA EVANGÉLICA

Em contraposição ao catolicismo centralizado e autoritário, os movimentos protestantes originados a partir da Reforma enfatizaram a liberdade de expressão, a tradução das Escrituras para a língua do povo e a utilização de tecnologias da informação. Os protestantes postulavam a competência do indivíduo diante dos textos sagrados, a relativização da tradição eclesiástica e uma renovada espiritualidade, não mais vinculada ao pagamento de indulgências, votos e promessas, mas motivada pela graça e pela fé em Cristo. Neste contexto, a teologia natural e o estudo em geral das manifestações de Deus através da natureza (Sl 19.1; Rm 1.20) e da consciência humana (Rm 2.14-15) ganharam um novo fôlego. Na luta contra a expansão do protestantismo, a Igreja Católica enfatizou a obediência à autoridade religiosa de si própria. Esta ênfase condenava teologias baseadas em fontes externas à igreja como a natureza e a razão, que poderiam levar à conclusões independentes, suspeitas ou heréticas. O surgimento do deísmo na Inglaterra durante o século 17 confirmou estas suspeitas. O protestantismo, por sua vez, também atacou a autoridade institucional da Igreja Católica declarando a superioridade autoritativa das Escrituras (*Sola Scriptura*) e a dignidade da razão humana e do “livro da natureza”, isto é, as evidências da verdade divina no mundo natural. É digno de nota que a Confissão de Fé de Westminster, que puritanos e presbiterianos escreveram nos anos 1640, comece com uma paráfrase de Romanos 1.20, a evidência de Deus na natureza. Em contraste, os católicos arrazoavam sua ortodoxia com base na autoridade da Igreja ou em sua evidência nos milagres.

A tradição protestante calvinista também ofereceu subsídios para a construção de um pensamento ecológico. João Calvino formulou a primeira noção moderna de mordomia da Terra e estabeleceu uma visão aberta sobre o estudo da natureza. Um dos distintivos básicos do calvinismo é a crença da absoluta soberania de Deus na predestinação da salvação ou danação de uma pessoa. Os seres humanos são todos pecadores e a natureza passou a sofrer as consequências do pecado humano. Assim, o calvinismo também apresenta uma concepção estritamente moral da natureza, com uma ideia nostálgica do jardim do Éden, perdido em razão do pecado. Apropriadamente, o texto épico puritano que mais exerceu influência sobre a imaginação protestante é o *Paraíso Perdido* de John Milton. Nos Estados Unidos, o pregador puritano Jonathan Edwards expressou essas visões sobre a soberania de Deus, a corrupção vil do ser humano, a bondade da terra e a mordomia no influente sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*. As artes protestantes também estiveram imbuídas destes valores teológicos concernentes à natureza. A pintura de paisagens dominou as telas na Alemanha, Escandinávia, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Neste contexto, artistas românticos como Caspar David Friedrich, os pintores da Escola do Rio Hudson e, posteriormente, o fotógrafo Ansel Adams retrataram os aspectos espirituais da natureza selvagem. Contudo, a influência decisiva do protestantismo para a ecologia se deu no campo científico, na construção da própria teoria ecológica moderna. O arcabouço protestante moldou a visão de mundo de múltiplos cientistas-chave na construção ecológica. Por exemplo, Anton van Leeuwenhoek (1632-1723), responsável por melhoramentos nos microscópios que contribuíram para o avanço nas observações da biologia celular, foi o primeiro a observar e descrever fibras

Fotógrafo Ansel Adams
https://blog.emania.com.br/ansel-adams-fotografia-de-natureza-e-preocupacao-com-o-meio-ambiente/

musculares, bactérias, protozoários e o fluxo de sangue nos capilares sanguíneos de peixes. Leeuwenhoek foi um calvinista membro da igreja reformada alemã que enfatizou em diversas cartas as suas motivações espirituais em desenvolver a ciência[22]. Assim como ele inúmeros outros cientistas atuaram em seus campos de pesquisa imbuídos de motivações espirituais.

A *ecologia* propriamente dita emergiu e foi estruturada no final do século 19 em duas nações protestantes Alemanha e Dinamarca, onde os biólogos começaram a imaginar animais e plantas como "comunidades". Em 1866, Ernst Haeckel, religioso na juventude e defensor de um holismo secular na vida adulta, cunhou a palavra "*Oekologie*" (ecologia), que ganhou uma definição científica nos anos subsequentes. Profundamente influenciado pela visão de Humboldt dos fenômenos da natureza interligados em uma unidade cósmica, o alemão Karl Möbius foi o primeiro a popularizar o conceito de "comunidade biológica". Em 1877, ele cunhou o termo "*Lebensgemeinde*" (biocenose), das raízes gregas para "compartilhar a vida". Esta nova palavra era intrigantemente próxima do termo religioso "cenóbios" que significava literalmente "vida comum". Os botânicos alemães passaram a estudar as "sociedades de plantas" como um tipo de"sociologia" das plantas. Esta linha de estudo culminou posteriormente na taxonomia de plantas do botânico protestante suíço Josias Braun-Blanquet, cuja relevante obra *Sociologia das Plantas* de 1931 baseou-se em metáforas sociais.

Braun-Blanquet trabalhou em Montpellier na França, cuja universidade sob os protestantes huguenotes tornou-se um centro de estudo botânico na Europa, com o jardim botânico científico mais antigo da Europa. Suécia e Suíça tornaram-se centros europeus do modelo de sociologia vegetal. Filho de um pastor luterano dinamarquês e parente próximo de outros quatro pastores, Eugenius Warming referia-se à paisagem costeira onde foi criado com sentimento e reverência espiritual. Seu estudo sobre as plantas exerceu ampla influência, sobretudo após a publicação de *Plantesamfund: Grundträk af den Ökologska Plantegeografi* (1895), o primeiro livro didático com o termo "ecológico" no título. Na virada para o século 20, os estadunidenses assumiram a liderança na nascente ciência da ecologia. Quase todos os primeiros ecologistas americanos

tinham raízes em igrejas que descendiam da tradição puritana, que incluía, entre outras, as denominações Congregacional, Unitarista, Batista Americana (do Norte), Presbiteriana e Quaker. Foi o congregacionalista Stephen Forbes de Illinois quem introduziu as ideias de Möbius sobre comunidades biológicas aos cientistas dos Estados Unidos. Em 1936 o britânico Arthur Tansley cunhou e definiu o termo “ecossistema” preconizando uma grande abertura da teoria ecológica para acréscimos de fora do mundo reformado. Somente após a Segunda Guerra mundial o protestantismo perdeu a hegemonia no *background* cultural e intelectual onde a ecologia moderna nasceu. Desde então, um número crescente de não- protestantes começou a contribuir de modo significativo para a teoria ecológica [23].

Com a popularização dos debates ecológicos a partir da década de 1960 houve um renovado interesse entre evangélicos na questão ambiental. Podemos apontar alguns exemplos desta mobilização. Retomando o pensamento ecológico de matriz calvinista, Francis Schaeffer publicou o ensaio *Poluição e Morte do Homem* (1970)[24]. No Canadá, o casal quaker pacifista Dorothy e Irwin Stowe exerceu influência decisiva na fundação do Greenpeace (1971). Henlee Barnette, professor do Seminário Batista do Sul, publicou *A Igreja e a Crise Ecológica* (1972)[25]. O movimento evangélico ligado ao Pacto de Lausanne (1974) também passou a enfatizar a responsabilidade ambiental em suas ações. Em Portugal, surgiu a Organização Ecológico-Missionária A Rocha (1982). Na República Dominicana foi estabelecida por lideranças evangélicas uma lista de compromissos com questão socioambiental (1983). Em Manbeth na África a reunião de bispos anglicanos também estabeleceu a questão ambiental em sua lista de compromissos (1988). No Brasil, o pastor Damy Ferreira, da Igreja Batista Central de Osasco, publicou o livro *Ecologia na Bíblia* por ocasião da ECO-92 (1992). Nos Estados Unidos, Joseph Sheldon publicou *Redescobrindo a criação*, uma obra que analisou extensivamente as repostas evangélicas à crise ambiental até então (1992)[26]. Robert Booth Fowler publicou o estudo *O esverdemento do pensamento protestante [The Greening of Protestant Thought]* (1995)[27] examinando as mudanças no pensamento ecológico protestante.Laurel Kearns publicou o estudo A Arca de Noé vai à Washington, onde analisou o comportamento errático dos evangélicos conservadores nos Estados Unidos na questão ecológica (1997)[28]. O Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) promoveu seminário sobre meio- ambiente e cristianismo em Belo Horizonte (2005). A capital mineira também sediou o Seminário sobre Ecologia da Associação Kuyper de Estudos Transdisciplinares (2006).

No mesmo ano ocorreu ainda o I Fórum Missão Integral: Ecologia e Sociedade que reuniu cristãos evangélicos atuantes no campo ecológico, bem como a fundação da organização A Rocha Brasil, ambos em São Paulo. A ambientalista brasileira Marina Silva, ligada à igreja Assembleia de Deus, alcança projeção mundial pelo seu trabalho como Ministra de Estado do Meio Ambiente (2008). A mobilização ecológica evangélica contemporânea é objeto de crescente interesse acadêmico. Estão disponíveis reflexões sobre a tradição ecológica protestante em contraste com o cristianismo chinês [29], o movimento ambientalista evangélico canadense [30], o caráter antiecológico do cristianismo latino e a virada pró-ecológica protestante [31] e a retomada do pensamento ecológico kuyperiano na ecoteologia contemporânea [32].

John Jefferson Davis fez uma análise detalhada sobre os "pontos cegos" ecológicos da teologia evangélica no estudo *Ecological "Blind Spots" in the Structure and Content of Recent Evangelical Systematic Theologies* [33]. Davis analisou obras de teólogos evangélicos como Donald Bloesh, Millard Erickson, James Montgomery Boice, Charles C. Ryrie, Alister MacGrath, Stanley J. Grenz e Wayne Grudem, entre outros. Depois de conferir detalhadamente o modo como as teologias sistemáticas evangélicas abordaram a questão ambiental, Davis identificou uma enorme lacuna conceitual. Na conclusão de seu estudo, Davis realizou três apontamentos para a tarefa teológica evangélica: (1) os teólogos evangélicos precisam balancear o tratamento dado à doutrina da criação, mudando o foco em questões sobre as origens (por exemplo, discussões sobre a idade da terra) para implicações sobre a relação adequada da humanidade com a criação de Deus; (2) incorporar análises aprofundadas de textos como Colossenses 1.19-20, que apresentam o impacto cósmico da cruz de Cristo, em suas implicações ecológicas para a igreja; (3) integrar com maior qualidade e coerência bíblica a relação entre a doutrina da criação e a Cristologia, reconhecendo que "todas as coisas foram criadas por ele (Cristo) e para ele" (Cl 1.16). De fato, concordamos com a visão de Davis: a teologia evangélica, caracterizada desde a Reforma Protestante pelo *Solus Christus*, pode adensar sua reflexão sobre as implicações cósmicas da cruz. Se a cruz está no coração do evangelho, segue que a cruz deveria estar no centro da ética ambiental evangélica. A imagem da cruz representa toda a obra de salvação realizada pelo Senhor Jesus . Cristo: sua vida, morte e ressurreição. A cruz é cósmica em sua abrangência, pois nela Cristo reconciliou consigo "*todas as coisas*" (cf. Cl 1.20-33). A igreja recebeu o ministério da reconciliação (2Co 5.18-19). Em Marcos 16.15, o próprio Jesus

todas as coisas foram criadas por ele (Cristo) e para ele"

comandou seus discípulos a anunciarem o evangelho à toda criatura(grego: *ktsis*, “criatura”, “criação”). Toda a criação foi afetada pelo pecado e toda criação necessita da reconciliação que só existem em Jesus.

3. RECOMENDAÇÕES E PROPOSTAS DE TRABALHO

Diante do exposto, elencamos as seguintes considerações, recomendações e propostas de trabalho:

a) As novas gerações evangélicas brasileiras têm um enorme potencial de contribuição com a causa ambiental: em primeiro lugar, vimos que a tradição protestante/evangélica tem um rico arcabouço teológico e legado histórico na mobilização a favor da preservação do meio ambiente. Em segundo lugar, os evangélicos constituem uma força política, social e cultural incontornável no Brasil. De acordo com o sociólogo e demógrafo José Eustáquio Alves (IBGE), em algum momento por volta de 2032 os evangélicos se tornarão o grupo religioso majoritário no país, ultrapassando o catolicismo [34]. Em terceiro lugar, o Brasil é o país líder em biodiversidade no planeta. A sociedade global espera liderança ecológica da nação brasileira. A conjugação destes três fatores fundamenta a expectativa de um quadro futuro promissor quando se pensa no engajamento da juventude evangélica em temas ambientais.

b) Apesar do potencial, a mobilização real das novas gerações evangélicas brasileiras na causa ambiental é insuficiente: hoje o Brasil tem cerca de 50 milhões de jovens, dos quais grande parte é evangélica. Os próprios evangélicos representam 33% da população brasileira conforme as últimas pesquisas do Datafolha sobre a religiosidade no país. Ainda assim, apesar de números tão expressivos não há trabalhos compatíveis com o segmento evangélicos em termos de relevância nacional e internacional. O tema não é abordado com destaque nas grandes conferências de juventude, nos estudos denominacionais, nos conteúdos digitais de ampla circulação. Tanto do ponto de vista interno às igrejas evangélicas, como do ponto de vista externo, considerando o impacto real sobre a sociedade brasileira, não há mobilização ecológica condizente com o potencial da juventude evangélica.

c) Há, portanto, problemas na articulação das novas gerações evangélicas brasileiras com a causa ambiental: a desarticulação e descentralização são marcas notórias do movimento evangélico brasileiro como um todo. Não se verifica nos seminários teológicos (sejam os mais tradicionais, sejam os mais novos) cursos e programas de teologia e ecologia. Não se verifica nas gerações de pastores mais velhos uma preocupação prática em equipar as igrejas com conhecimento, programações e ministérios voltados à reflexão e ação ecológica. A estes desafios soma-se o alto grau de polarização das discussões políticas brasileiras. Neste contexto, o debate ambiental acaba muitas vezes contaminado por disputas ideológicas que acabam por neutralizar mobilizações ecológicas. A guerra de narrativas é tão obscura e enfadonha que acaba por minar esforços.

d) **Os caminhos para a superação destes problemas são múltiplos**:

- É necessário **conscientizar** a juventude evangélica do próprio legadoteológico e histórico do protestantismo na causa ecológica. O protestantismo foi crucial na própria construção da ecologia moderna. ***O resgate da participação histórica*** mostra o enraizamento profundo que os evangélicos possuem com a ecologia, ampliando a empatia com a causa. Produção de livros, documentários e cursos neste sentido podem trazer um impacto significativo.

- É necessário **descomplicar** as discussões sobre teologia e meio ambiente, dando ênfase em pontos indisputáveis na tradição cristã, como o ***princípio da responsabilidade ambiental*** (mordomia da criação). Cartilhas com conceitos essenciais podem ser desenvolvidas e aplicadas em reuniões de grupos pequenos, seminários, conferências, boletins informativos dominicais, portais denominacionais. Outros princípios que podem ser trabalhados:
  Princípio da manutenção da terra: *sustentar criação.*
  Princípio sabático: *permitir criação se recuperar.*
  Princípio da fertilidade: produtividade deve ser desfrutada e não destruída.
  Princípio da satisfação e limitação: papel da humanidade é limitado.

- É possível **criar iniciativas práticas e simples** de cuidado e proteção do meio ambiente que mobilizem comunidades de jovens. Contudo, devido ao número expressivo de jovens evangélicos no Brasil, qualquer projeto que ganhar escala pode causar resultados extremamente relevantes para a causa ambiental. Por exemplo, há juventudes capazes de mobilizar pessoas para a plantação de mil árvores. Mil igrejas que aderirem a campanha poderão plantar um total de **um milhão de árvores.**
- É possível **mobilizar as redes sociais** de influencer evangélicos para dar visibilidade aos temas da ecoteologia. Disponho-me a realizar uma campanha com a hashtag **#regraverde**, que sintetiza o preceito: "faça à criação aquilo que você quer que seja feita a si mesmo".
- É possível **capacitar ministros de louvor** com cursos de formação ecoteológica. Nestes cursos pode-se ressaltar o ensinamento bíblico sobre o louvor que a natureza presta a Deus (Jó 12.7-10; Sl 19.1; Sl 89.11-12).
- É possível **estruturar campanhas de oração e intercessão** conectadas aos temas ecológicos. Essas mobilizações podem incluir pequenos estudos sobre cânticos e orações bíblicas como, por exemplo, o Salmo 104, que é o equivalente no livro de Salmos ao que o primeiro capítulo de Gênesis representa no Pentateuco. O Salmo 104 é o Salmo da Criação, e pode ser chamado de **Salmo Ecológico.**
- É possível **disseminar estudos bíblicos didáticos** com temas ecológicos. Por exemplo, um estudo sobre as dez palavras de Deus na criação:

Decálogo da Criação

1. Gn 1.3 E Deus disse: haja luz
2. Gn 1.6 E Deus disse: haja firmamento
3. Gn 1.9 E Deus disse: as águas se juntem e apareça o continente
4. Gn 1.11 E Deus disse: a terra produz verde
5. Gn 1.14 E Deus disse: haja luzeiros
6. Gn 1.20 E Deus disse: as águas produzam seres vivos
7. Gn 1.24 E Deus disse: que a terra produz seres vivos
8. Gn 1.26 E Deus disse: façamos o ser humano
9. Gn 1.28 E Deus disse: sejam fecundos
10. Gn 1.29 E Deus disse: dou as ervas para vocês comer.

Humanidade e criação

Tirado da terra: intimidade entre o ser humano e o meio ambiente (Gn 2.4-14)
Responsável por cuidar e cultivar a terra: a vida humana em equilíbrio (Gn 2.15)
Satisfeito por ter tudo necessário para viver: cada fruto do jardim (Gn 2.16-3.7)
Insensato em tomar mais do que necessita: o fruto do conhecimento (Gn 3.8-13)
Sofredor na terra amaldiçoada com espinhos e ervas daninhas (Gn 3.14-19)
Expulso da terra: o jardim fechado (Gn 3.20-24)

- Dado o grande interesse dos webcrentes em apologética, é possível **desenvolver cursos de apologética cristã** conectados aos temas ecológicos. Por exemplo, estudos sobre Deus e as catástrofes naturais, como ponto de partida para o estudo sobre Deus e o mal.

Deus permite o mal (At 14.16);
Deus pune o mal com o mal (Sl 81.11-12; Rm 1.26-32);
Deus transforma o mal em bem (Gn 50.20; At 2.23; 4.27-28; 13.27; 1Co 2.7-8)
Deus usa o mal para testar e disciplinar aqueles a quem ama (Mt 4.1-11; Hb 12.4-14);
Deus restaurará completamente seu povo do poder e presença do mal (Ap 21.27; 22.14-15).

CONCLUSÃO

Como conclusão podemos afirmar que a mobilização evangélica na questão ambiental está aquém de suas próprias raízes históricas e de seu potencial no contemporâneo, especialmente no Brasil, país que se caracteriza por ser o líder em biodiversidade mundial e ter uma maioria evangélica em consolidação. Mas há caminhos práticos claros que podem ser tomados para a mudança desta situação.

Referências bibliográficas - 1

[1] BEBBINGTON, David. Evangelicalism in Modern Britain: A History from the 1730s to the 1980s. Grand Rapids: Baker, 1989, pp.2-3.

[2] Cf. RAVASI, Gianfranco. Il Grande libro del Creato: Bibbia ed ecologia. Alba, Cuneo: San Paolo Edizione, 2021; BAUCKHAM, Richard. The Bible and Ecology: Rediscovering the Community of Creation. Waco, Texas: Baylor University Press, 2010; MARÉCHAL, Jean-Paul. L'éthique écologique de la Bible. Écologie & Politique, n. 33, 2006, pp.185-200.

[3] Cf. BREDIN, Mark. The Ecology of the New Testament: Creation, Re-creation, and the Environment. Westmont, Illinois: IVP Books, 2010; ZERBE, Gordon. Ecology According to the New Testament. Direction, v.21, n.2, (fall) 1992, pp.15-26; DEWITT, Calvin (ed). The Environment and the Christian: What Can We Learn from the New Testament? Grand Rapids: Baker, 1991; GRANBERG-MICHAELSON, Wesley (ed). Tending the Garden: Essays on the Gospel and the Earth. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

[4] Cf. LEIDENHAG, Joanna. Creation and Ecology: Why the Doctrine of Creation ex nihilo Matters Today. (Grove Doctrine D4). Cambridge: Grove Books, 2020; BERNSTEIN, Ellen. The Splendor of Creation: A Biblical Ecology. Cleveland, Ohio: The Pilgrim Press, 2005; BERRY, R. J. Creation and the Environment. Science and Christian Belief v.7, n.1, 1995, pp.21–43; DYKE, F. Van; MAHAN D. C.; SHELDON, J. K.; BRAND, R. H.Redeeming Creation: The Biblical Basis for Environmental Stewardship. Downers Grove: InterVarsity, 1991.

[5] Cf. JORGENSON, Kiara A.; PADGETT, Alan G. Ecotheology: A Christian Conversation. Grand Rapids: Eerdmans, 2020; GURIDI, R. Ecoteología: hacia um nuevo estilo de vida. Santiago: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018; TROSTER, Lawrence. What is Eco-theology? CrossCurrents, v.63, n.4 (dec) 2013, pp.380- 385; DALTON, Anne Marie; SIMMONS, Henry C. Ecotheology and the Practice of Hope. Albany, NY: Suny Press, 2010; QUINN, F. To heal the earth: a theology of ecology. Nashville: Upper Room Books, 1994.

[6] Cf. ALEKSANDROVNA, Zhykhareva Elena. Ecopoetics of Bible: ecology and discourse studies. The First International Conference on European Conference on Languages, Literature and Linguistics. Vienna: Association for Advanced Studies and Higher Education, 2014.

[7] Cf. FINGER, Thomas. Evangelicals, Eschatology, and the Environment. Wynnewood, PA: Evangelical Environmental Network, 1998; TRUESDALE, Al. Last Things First: The Impact of Eschatology on Ecology. Perspectives on Science and Christian Faith, v.46, n.2, 1994, pp.116–122; BEAL JR., R. S. Can a Premillennialist Consistently Entertain a Concern for the Environment? A Rejoinder to Al Truesdale. Perspectives on Science and Christian Faith, v.46, n.3, 1994, pp.173–178.

[8] RICHES, John K. The Bible: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2000, p.15.

[9] Em todos os levantamentos da pesquisa (2007, 2011, 2015, 2019) a Bíblia aparece tanto como o livro específico, como o gênero literário mais lido pelos brasileiros, cf. INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil 2020. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf>. Acesso em: 29 set 2021.

[10] Para uma introdução ao tema cf. VOGEL, David. How Green Is Judaism? Exploring Jewish Environmental Ethics. Business Ethics Quarterly, v.11, n.2 (Apr) 2001, pp.349-363.

[11] Para um exame filosófico da doutrina judaica da criação cf. SAMUELSON, Norbert M. Judaism and the Doctrine of Creation. Cambridge: Cambridge University Press, 1994; para um exame das implicações éticas da doutrina da criação judaica cf. SACKS, Jonathan. Essays on Ethics: A Weekly Reading of the Jewish Bible. Jerusalém: Maggid Books & The Orthodox Union, 2016.

[12] Cf.TIROSH-SAMUELSON, H. Religion, Ecology, and Gender: A Jewish Perspective. Feminist Theology,
13(3), 2005, pp.373–397.

[13] Para um exame da ética ecológica do ano sabático cf. BLIDSTEIN, Gerald J. Man and Nature in the Sabbatical Year. Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought, v. 9, n.4, 1966, pp.48- 55.

[14] Este texto estabelece o princípio ético ambiental judaico bal tashit ("não destruir"/"não desperdiçar"), cf. WOLFF, K. A. Bal Tashchit : the Jewish prohibition against needless destruction. Leiden: Universiteit Leiden, 2009.

[15] Para um estudo sobre ecologia no livro de Jó cf. GORDIS, Robert. Job and Ecology (And the Significance of Jo 40.15). Hebrew Annual Review, 9, 1985, pp.189-202.

[16] Para um estudo ecoteológico nesta passagem veja o capítulo Wisdom's World: Cosmos as Playhouse in Proverbs 8.22-34 em BROWN, William P. The Seven Pillar of Creation: The Bible, Science and the Ecology of Wonder. Oxford: Oxford University Press, 2010, pp.161-176.

[17] HART, John. Catholicism in: GOTTLIEB, Roger S. The Oxford Handbook of Religion and Ecology. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp.1-26.

[18] FRANCISCO, Papa. Laudato sí: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

[19] Para uma visão panorâmica sobre o pensamento ecológico católico hoje cf. CARNEIRO, Beatriz S. Ecopolítica e a Igreja Católica no Terceiro Milênio: a Conversão Ecológica. Ecopolítica, 12, 2015, pp.13-69. DEANE-DRUMMOND, Celia. Joining in the Dance: Catholic Social Teaching and Ecology. New Black Friars, 93, 2012, pp.133–258; SIMULA, A. In pace con il creato. Chiesa Cattolica ed ecologia. Padua: Messaggero, 2001; LANNAN, Robert W. Catholic Tradition and the Nee Catholic Theology and Social Teaching on the Environment. The Catholic Lawyer, v.39, n.4 (winter) 2000, pp.353-388.

[20] Entrevista disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607377-a-biblia-nos-ensina-a- proteger-e-amar-a-terra-a-alianca-entre-ciencia-e-fe-e-central-entrevista-com-o-cardeal-ravasi>. Acesso em 30 set 2021.

[21] BISHOP, Steve. Green theology and deep ecology: New Age or new creation? *Themelios*, v.16 n.3, 1991, pp.8-14.

[22] cf. SCHIERBEEK, A. (ed). Measuring the Invisible World: The Life and Works of Antoni van Leeuwenhoek F R S, London and New York: Abelard-Schuman, 1959; GRAVES, Dan. Scientists of Faith, Grand Rapids, MI: Kregel Resources, 1996, p.71.

[23] Cf. STOLL, Mark. Creating Ecology: Protestants and the Moral Community of Creation in: LODGE, David M. Religion and the new ecology: environmental responsibility in a world in flux. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2006, pp.53-72.

[24] SCHAEFFER, Francis. Pollution and the Death of Man. Wheaton, Illinois: Tyndale House, 1970.

[25] BARNETTE, Henlee H. The Church and the Ecological Crisis. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

[26] SHELDON, Joseph K. Rediscovery of Creation: A Bibliographical Study of the Church's Response to the Environmental Crisis. Metuchen, NJ: Scarecrow, 1992.

[27] FOWLER, Robert B. The Greening of Protestant Thought. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 1995.

[28] KEARNS, Laurel. Noah's Ark Goes to Washington: A Profile of Evangelical Environmentalism. Social Compass, v.44, n.3, 1997, pp.349-366.

[29] PAN-CHIU, Lai. The Ecological Heritage of Protestantism from a Chinese Christian Perspective. Ching Feng, v.19,1/2, 2020, pp.21-47.

[30] LAUGRAND, Frédéric; OOSTEN, Jarich. The religion of nature: Evangelical perspectives on the environment. Études/Inuit/Studies, v.34, n.1, 2010, pp.71-90.

[31] LE VASSEUR, Todd; PETERSON, Anna. Religion and Ecological Crisis. New York: Routledge, 2017.

[32] CONRADIE, Ernst M (ed.). Creation and Salvation: Dialogue on Abraham Kuyper's Legacy for Contemporary Ecotheology. Leiden & Boston: Brill, 2011.

[33] DAVIS, John Jefferson. Ecological "Blind Spots" in the Structure and Content of Recent Evangelical Systematic Theologies. Journal of the Evangelical Theological Society, v.43, n.2 (jun) 2000, pp.273-286.

[34] Cf. Reportagem disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar- catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032/> Acesso em: 30 set 2021.

Referências bibliográficas - 2

ALEKSANDROVNA, Zhykhareva Elena. Ecopoetics of Bible: ecology and discourse studies. *The First International Conference on European Conference on Languages, Literature and Linguistics*. Vienna: Association for Advanced Studies and Higher Education, 2014.

BARNETTE, Henlee H. *The Church and the Ecological Crisis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

BAUCKHAM, Richard. *The Bible and Ecology: Rediscovering the Community of Creation*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2010.

BEAL JR., R. S. Can a Premillennialist Consistently Entertain a Concern for the Environment? A Rejoinder to Al Truesdale. *Perspectives on Science and Christian Faith*, v.46, n.3, 1994, pp.173–178.

BEBBINGTON, David. *Evangelicalism in Modern Britain: A History from the 1730s to the 1980s*. Grand Rapids: Baker, 1989.

BERNSTEIN, Ellen. *The Splendor of Creation: A Biblical Ecology*. Cleveland, Ohio: The Pilgrim Press, 2005.

BERRY, R. J. Creation and the Environment. *Science and Christian Belief* v.7, n.1, 1995, pp.21–43.

BISHOP, Steve. Green theology and deep ecology: New Age or new creation? *Themelios*, v.16 n.3, 1991, pp.8-14.

BLIDSTEIN, Gerald J. Man and Nature in the Sabbatical Year. *Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought*, v. 9, n.4, 1966, pp.48- 55.

BREDIN, Mark. *The Ecology of the New Testament: Creation, Re-creation, and the Environment*. Westmont, Illinois: IVP Books, 2010.

BROWN, William P. *The Seven Pillar of Creation: The Bible, Science and the Ecology of Wonder*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CARNEIRO, Beatriz S. Ecopolítica e a Igreja Católica no Terceiro Milênio: a Conversão Ecológica. *Ecopolítica*, 12, 2015, pp.13-69.

CONRADIE, Ernst M (ed.). *Creation and Salvation: Dialogue on Abraham Kuyper's Legacy for Contemporary Ecotheology*. Leiden & Boston: Brill, 2011.

DALTON, Anne Marie; SIMMONS, Henry C. *Ecotheology and the Practice of Hope*. Albany, NY: Suny Press, 2010.

DAVIS, John Jefferson. Ecological "Blind Spots" in the Structure and Content of Recent Evangelical Systematic Theologies. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v.43, n.2 (jun) 2000, pp.273-286.

DEANE-DRUMMOND, Celia. Joining in the Dance: Catholic Social Teaching and Ecology. New Black Friars, 93, 2012, pp.133–258.

DEWITT, Calvin (ed). The Environment and the Christian: What Can We Learn from the New Testament? Grand Rapids: Baker, 1991.

DYKE, F. Van; MAHAN D. C.; SHELDON, J. K.; BRAND, R. H. Redeeming Creation: The Biblical Basis for Environmental Stewardship. Downers Grove: InterVarsity, 1991.

FINGER, Thomas. Evangelicals, Eschatology, and the Environment. Wynnewood, PA: Evangelical Environmental Network, 1998.

FOWLER, Robert B. The Greening of Protestant Thought. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 1995.

FRANCISCO, Papa. Laudato sí: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

GORDIS, Robert. Job and Ecology (And the Significance of Jo 40.15). Hebrew Annual Review, 9, 1985, pp.189-202.

GRANBERG-MICHAELSON, Wesley (ed). Tending the Garden: Essays on the Gospel and the Earth. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.
GRAVES, Dan. Scientists of Faith, Grand Rapids, MI: Kregel Resources, 1996.

GURIDI, R. *Ecoteología: hacia um nuevo estilo de vida*. Santiago: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018.

HART, John. Catholicism in: GOTTLIEB, Roger S. The Oxford Handbook of Religion and Ecology. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp.1-26.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil 2020. São Paulo: Instituto Pró- Livro, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf>. Acesso em: 29 set 2021.

JORGENSON, Kiara A.; PADGETT, Alan G. Ecotheology: A Christian Conversation. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

KEARNS, Laurel. Noah's Ark Goes to Washington: A Profile of Evangelical Environmentalism. Social Compass, v.44, n.3, 1997, pp.349-366.

LANNAN, Robert W. Catholic Tradition and the Nee Catholic Theology and Social Teaching on the Environment. The Catholic Lawyer, v.39, n.4 (winter) 2000, pp.353-388.

LAGO, Davi. Brasil polifônico: os evangélicos e as estruturas de poder. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

LAUGRAND, Frédéric; OOSTEN, Jarich. The religion of nature: Evangelical perspectives on the environment. *Études/Inuit/Studies*, v.34, n.1, 2010, pp.71-90.

LE VASSEUR, Todd; PETERSON, Anna. *Religion and Ecological Crisis*. New York: Routledge, 2017.

LEIDENHAG, Joanna. *Creation and Ecology: Why the Doctrine of Creation ex nihilo Matters Today*. (Grove Doctrine D4). Cambridge: Grove Books, 2020.

MARÉCHAL, Jean-Paul. L'éthique écologique de la Bible. *Écologie & Politique*, n. 33, 2006, pp.185-200.

PAN-CHIU, Lai. The Ecological Heritage of Protestantism from a Chinese Christian Perspective. *Ching Feng*, v.19,1/2, 2020, pp.21-47.

QUINN, F. *To heal the earth: a theology of ecology*. Nashville: Upper Room Books, 1994.

RAVASI, Gianfranco. *Il Grande libro del Creato: Bibbia ed ecologia*. Alba, Cuneo: San Paolo Edizione, 2021.

RICHES, John K. The Bible: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SACKS, Jonathan. *Essays on Ethics: A Weekly Reading of the Jewish Bible*. Jerusalém: Maggid Books & The Orthodox Union, 2016.

SAMUELSON, Norbert M. *Judaism and the Doctrine of Creation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SCHAEFFER, Francis. *Pollution and the Death of Man*. Wheaton, Illinois: Tyndale House, 1970.

SHELDON, Joseph K. *Rediscovery of Creation: A Bibliographical Study of the Church's Response to the Environmental Crisis*. Metuchen, NJ: Scarecrow, 1992.

SIMULA, A. *In pace con il creato. Chiesa Cattolica ed ecologia*. Padua: Messaggero, 2001.

STOLL, Mark. Creating Ecology: Protestants and the Moral Community of Creation in: LODGE, David M. *Religion and the new ecology: environmental responsibility in a world in flux*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2006, pp.53-72.

SCHIERBEEK, A. (ed). *Measuring the Invisible World: The Life and Works of Antoni*
van Leeuwenhoek F R S, London and New York: Abelard-Schuman, 1959.

TIROSH-SAMUELSON, H. Religion, Ecology, and Gender: A Jewish Perspective.

TROSTER, Lawrence. What is Eco-theology? *CrossCurrents*, v.63, n.4 (dec) 2013, pp.380-385.

TRUESDALE, Al. Last Things First: The Impact of Eschatology on Ecology. *Perspectives on Science and Christian Faith*, v.46, n.2, 1994, pp.116–122.

VOGEL, David. How Green Is Judaism? Exploring Jewish Environmental Ethics. *Business Ethics Quarterly*, v.11, n.2 (Apr) 2001, pp.349-363.

WOLFF, K. A. *Bal Tashchit : the Jewish prohibition against needless destruction*. Leiden: Universiteit Leiden, 2009.

ZERBE, Gordon. Ecology According to the New Testament. *Direction*, v.21, n.2, (fall) 1992, pp.15-26.